

O cheiro a bafio

e varias outras singularidades

Pensei que Dutra Faria fôsse um pseudónimo. Dizem-me que não. Informaram-me até bem. Tanto pior. Devo responder. E não é facil a resposta. Não é facil pôr o que é, em vez do que parece ser. Porém, mãos á obra.

O meu artigo no suplemento literario do *Diario de Lisboa* a proposito do vigesimo aniversario do aparecimento de «Orpheu», mereceu uma «terça» na «poesia da semana» do «Fradique», assinada por Dutra Faria, o qual acha o meu artigo «assim pacato, com um travôr assim a saudade, e um cheiro assim a bafio».

Foi a moda dos jornais literarios assinados por pseudónimos e iniciais o que me fez duvidar de apelidos que eu lia pela primeira vez. Não se me leve a mal, e sobretudo quando emendo a mão.

Desejo dizer a Dutra Faria que o cheiro a bafio nem sempre está no que nos parece cheirar a tal, mas que se encontra precisamente em determinados narizes que pretendem trazer-se bem desinfectados!

Não confio muito em prová-lo ao colaborador de «Fradique», mas penso naqueles leitores que ficam situados entre este senhor e eu, entre o meu artigo e o seu comentario. Começo a minha resposta:

A confusão de Dutra Faria vem logo no primeiro periodo do seu comentario ao dizer: «Orfeu, a primeira manifestação portuguesa de modernismo, ou, como então se dizia, de futurismo». Parece saltar á vista que o autor se descarta da responsabilidade de confundir futurismo com modernismo, pondo entre vírgulas, «como então se dizia». Mas isto é apenas o que parece. De facto, convem-lhe esta confusão. Prova-se a seguir com a citação que faz de Marinetti, onde, afinal, a mesma confusão já é só do autor.

Não me dão espaço aqui para que eu diga o que foi e o que é actualmente o futurismo. Eu proprio já o disse publicamente numa conferencia «Arte e artistas». Tenho de resumir e talvez grosseiramente: O futurismo começa por ser um movimento exclusivamente de arte, e localizou-se por fim, definitivamente, em movimento politico.

A admiração e o entusiasmo de Dutra Faria por Marinetti é, sem sombra de duvida, meramente politica: «A batalha, ganhou-a Marinetti na Italia, — e ganhou-a inteiramente, plenamente. Mereceu pois os louros, a cuja sombra descansa agora—os louros que não apoucam, nem anacronizam a sua grande ansia revolucionaria».

Distingamos: a batalha ganha por Marinetti na Italia foi a batalha politica. A outra batalha, aquela que Marinetti começou primeiro nos seus memoraveis manifestos, essa, não a terminou sequer, porque foi engulida com o proprio Marinetti pelo fascismo italiano. Não calamos nós na tremenda confusão de dar os louros de Arte a quem merece apenas os politicos. A Cesar o que é de Cesar, e á arte o que é da arte!

Quando em abril de 1930 me encontrei em Madrid com Marinetti, recordámos a sua correspondencia com os poucos futuristas portugueses, o «Portugal futurista», e eu disse a Marinetti que ele era ingrato para com os futuristas portugueses. Marinetti repeliu energicamente a minha acusação de ingrato. Porém, em 1933, Marinetti vem a Portugal, é recebido oficialmente, e não aproveita esse momento excelente para saudar generosamente os seus companheiros portugueses da revolução. Apenas á ultima hora, Marinetti procurou sinceramente encontrar-se connosco.

O que se passou? Apenas isto: o primeiro Marinetti já não tinha nada que ver com o Marinetti II. A victoria a que Dutra Faria se refere pertence ao Marinetti II, aquele que já não tem absolutamente nada que ver com o revolucionario de Arte.

Tem pena Dutra Faria que eu tenha envelhecido. Dispensou-me a peninha. E continua: «Em Italia, bem sei, fizeram a mesma acusação (da velhice) a Marinetti — e fizeram-na sem razão. Mas em Portugal não é o mesmo caso».

Claro que não é. Em Italia a acusação de velhice foi feita pelos artistas ao revolucionario de Arte. Entretanto, os politicos ficaram radiantes com aquela grossa aquisição!

Dutra Faria acusa-me de velhice pela razão oposta porque acusaram a Marinetti. Dutra Faria pretende para mim uma justiça na acusação de velhice e nega-a para Marinetti.

E' demasiada boa vontade da sua parte contra mim. Por mais que faça, Dutra Faria, não poderá somar maçãs com laranjas. O mais que pode é continuar a trocar olhos com bogalhos.

Faz-me pensar que os gostos de Dutra Faria são mais politicos do que literarios. E é aqui que deve estar o motivo do seu comentario. Aquilo de eu ter escrito no meu artigo que «Orpheu era honradamente literario», deve ter-lhe parecido directo. Directo era, mas não exclusivo. Acho admiravel a politica para os politicos, mas penso honrada e convictamente de que o artista deve não sair do proprio do seu campo, bem mais vasto e concreto este, afinal, do que o do politico.

E ainda mais, pretende fazer ver como é excepcional a posição do artista, na humanidade e tambem na sociedade, e sobretudo durante o longo periodo da formação da sua individualidade, isto é, até fazer parte da élite. Talvez que em qualquer

(Ver continuação na 6.ª pagina)

O cheiro a bafio e outras singularidades

(Continuação da 3.ª pagina)

outra posição do humano que não seja a do artista, o unico caminho deva ser o politico. Não o sei nem me esforço por não ignora-lo. Porém, quanto ao artista, estou seguro, não o é. A necessidade do conhecimento do humano em Arte impede o artista de todo e qualquer desvio desta direcção unanime.

Tenho que ficar por aqui. Sem querer respondo o resto num trabalho que conclui antes de escrever o meu artigo sobre o «Orpheu». Chama-se «Arte e politica» e sairá a publico muito brevemente.

Para terminar desejo dizer a Dutra Faria que ha vinte anos, quando apareceu o «Orpheu» e escrevi o «Manifesto anti-Dantas e por extenso», tinha eu exactamente vinte anos de idade. E se fosse com essa idade que eu tivesse de responder a Dutra

Faria não era nos termos de hoje que eu o faria.

Dei bastantes provas de que no «genero besta» tambem me entendo, embora com os anos cada mais o evite.

O meu artigo desafiava a polemica, enquanto que o comentario de Dutra Faria ao meu artigo, sem entrar na polemica, é apenas implicative.

De modo que respondo a Dutra Faria por três razões:

Primeira, a de não ser um pseudonimo.

Segunda, pelo respeito que me merece este assunto que aqui trato.

Terceira, e é principal, por reconhecer que Dutra Faria faz parte de qualquer maneira da mocidade portuguesa, essa mesma que eu desejo servir lealmente com toda a dignidade das minhas posses.

Lisboa, Março, 1935.

JOSE' DE ALMADA NEGREIROS